

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIELA OLINDA CARMO

**VERSO RASTEIRO**

**Ensaio sobre a geograficidade na poesia de Patativa do Assaré**

SÃO PAULO  
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIELA OLINDA CARMO

**VERSO RASTEIRO**

**Ensaio sobre a geograficidade na poesia de Patativa do Assaré**

Trabalho de Graduação Individual apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

Orientador: Professor Eduardo Donizeti Girotto

SÃO PAULO

2021

GABRIELA OLINDA CARMO

**VERSO RASTEIRO**

**Ensaio sobre a geograficidade na poesia de Patativa do Assaré**

Trabalho de Graduação Individual apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

São Paulo, 14 de março de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Eduardo Donizeti Giroto

---

Prof.

---

Prof.

## **RESUMO**

Este trabalho ensaia uma leitura de Patativa do Assaré a partir de alguns elementos do pensamento geográfico, em especial, ideias presentes no conceito geograficidade elaborado pelo geógrafo Eric Dardel. Para Dardel, antes da geografia preocupada com aspectos objetivos e mensuráveis do espaço, existe uma geografia em ato, uma experiência do corpo que se realiza na intimidade com a Terra e que, portanto, produz um tipo de conhecimento que antecede e ultrapassa a verdade científica racionalista. Patativa, poeta e agricultor cearense, a partir de sua experiência com a terra, evoca em versos uma geografia sertaneja, mas também sua geografia interior, inspirada pela relação profunda que guarda com seu pedaço de chão. O canto de Patativa é uma defesa dos saberes que brotam do pisar a terra e se reconhecer nas coisas da natureza, das geograficidades inferiorizadas pela narrativa moderna.

Palavras-chave: Geograficidade. Poesia popular. Patativa do Assaré.

## ABSTRACT

The present work rehearses a reading of Patativa do Assaré using some elements of geographic thinking as a starting point, in particular, the ideas based on the concept of geographicity, which was developed by geographer Eric Dardel. For Dardel, before we understand geography as something concerned with objective and measurable aspects of space, it's important to notice there is another geography in action, which is the experience of the body that takes place in intimacy with the Earth and, therefore, produces a type of knowledge that precedes and surpasses rationalist scientific truth. Patativa, a poet and farmer from Ceará, uses his experience with the land to evoke in his verses the countryside geography, but also his inner geography, inspired by the deep relationship he keeps with his piece of earth. Patativa's singing is a protection of the knowledge that comes from stepping on the ground and recognizing oneself in the things of nature, protection of the geographies which for too long were deemed inferior in the modern narrative.

**Keywords:** Geography. Popular poetry. Assaré Patativa.

## **AGRADECIMENTOS**

É difícil escrever um texto de agradecimento. Quando fico em silêncio, recordo com carinho as pessoas que encontrei nas andanças durante a graduação. São tantas! Mas primeiro sou grata aos que, antes de mim, pisaram essas terras e abriram os caminhos da minha existência, em especial à minha mãe Sonia e ao meu pai Raimundo. É com água nos olhos que escrevo esses nomes. E também ao Caio, meu irmão mais velho que me dava colo quando eu chorava na escola, que ainda me cuida e me traz paz.

Agradeço aos amores que enchem de brilho minha vida, em especial Bia, parceira dos dias, dos sonhos e das águas: choros, gozos, banhos de rio. É muito bonito poder caminhar junto de ti. Já faz anos que sua leveza me inspira.

Também aos amores que me ensinam o significado de lar e tantas outras coisas que essa página é incapaz de comportar: Luisa, Ila, Vitor, Kelly, Jade, Morgan, Nanoni e Didi

Um agradecimento especial à Kelly, que me acompanha desde os primeiros dias da graduação e talvez até antes disso, com quem já tanto vivi; e Jade, virginiana selecionada para ler meu trabalho, que sempre tem tempo de ouvir minhas histórias e com quem eu descobri muitos prazeres.

Obrigada a todos com quem dividi um tantinho dessa loucura. Um chêro em todos que encantaram esse ciclo.

*Desta gente eu vivo perto,  
sou sertanejo da gema.  
O sertão é o livro aberto  
onde lemos o poema  
da mais rica inspiração  
vivo dentro do sertão  
e o sertão dentro de mim  
[...]*

Patativa do Assaré

## **SUMÁRIO**

1. PALAVRAS INICIAIS	8
2. GEOGRAFIA, EXPERIÊNCIA DO CORPO	11
3. PATATIVA DO ASSARÉ: corpo-terra poesia	15
4. PALAVRAS FINAIS	20
5. REFERÊNCIAS	22

## 1. PALAVRAS INICIAIS

Em “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo” Ailton Krenak, pensador e liderança indígena, traz que “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas nesse mundo louco” (KRENAK, 2019). É daí a nascente desta pesquisa. Brota como possibilidade do mergulho em narrativas que me constituem ser-no-mundo. Antes de tudo, ressalto que por vezes escrevo em primeira pessoa, rompendo e desafiando velhos paradigmas acadêmicos da impessoalidade, porque estou implicada no objeto. Porque tenho raízes emaranhadas nas palavras e então, de certa forma, escrevo sobre mim, sobre os meus.

Entendi que para chegar às raízes é preciso olhar de pertinho o chão, fuçar e remexer a terra. Neste trabalho me volto ao chão sertanejo sul cearense e escuto a terra pela voz de Patativa do Assaré, poeta popular cearense que na lida diária com a agricultura enchia os olhos de natureza e se transbordava em versos:

Pra gente aqui sê poeta / E fazer rima compreta / Não precisa professô / Basta ver no mês de maio / Um poema em cada gaio / E um verso em cada fulô. [...] Canto as fulô e os abroio / Com todas coisa daqui: / Pra toda parte que eu óio / Vejo um verso se bulí. / Se às vêz andando nos vale / Atraz de curá meus male / Quero repará pra serra, / Assim que eu óio pra cima / Vejo um diluve de rima / Caindo inriba da terra. (*Cante Lá que eu Canto Cá*, p.278)

Patativa, ao longo da vida, cantou por onde pisou. Cantou a chuva, a lua, os pássaros, a roça, os gozos e dores de ser sertanejo. Tirava inspiração de tudo que lhe acometia e ficou conhecido por isso, por ser porta-voz do seu lugar, por concebê-lo de forma tão delicada, fazendo palavra, terra e luta a mesma substância. Essa relação tão profunda que o poeta guarda com o lugar que habita é mote desta pesquisa.

Para compreender essa relação encontro amparo em “O Homem e a Terra” (2015) de Eric Dardel, considerada obra fundadora de uma geografia sob a perspectiva fenomenológica. Dardel reflete sobre a geografia ser a experiência vivida do espaço que nasce do encontro humano-Terra. Para ele “a ciência geográfica pressupõe que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra”, chamando a atenção para a dimensão existencial e simbólica do espaço.

O autor elucida que a essência geográfica antecede e ultrapassa o conhecimento científico, objetivo e mensurável que trata do espaço como vazio de

significado. O saber geográfico desponta, na verdade, da própria condição terrestre do ser humano, do diálogo entre os viventes, os entes, enfim, tudo que a paisagem combina. E a relação que se estabelece entre as pessoas e seus meios revela geograficidades, jeitos de ser e estar no mundo.

Dentro da lógica moderna e de fortes heranças coloniais que vivemos, diversos jeitos de existir estão fadados à ideia de atraso, submetidos ao poder simbólico hegemônico fundamento em uma perspectiva racionalista de se apropriar da natureza que, em nome do progresso, dá à Terra o sentido de recurso a ser explorado. Qualquer outro conhecimento que não validado nos termos e métodos da ciência ocidental assenta em tal hegemonia são considerados inferiores.

Entretanto, como coloca Dardel, “A experiência geográfica [...] se realiza na intimidade com a Terra” (2015, p. 93). Sua apreensão se dá pelo vívido, na “espacialização que saltou do espaço para o corpo” (p. 13) e isso não pode ser objetivado pela lógica científica hegemônica. No sentido de valorizar o saber da experiência, trago aqui a poesia popular, entendendo que as culturas populares guardam as geograficidades que nascem das terras de cá. Procuro raízes no que está firmado nesse chão.

O central aqui é refletir sobre a experiência geográfica de Patativa do Assaré, encontrar as geograficidades de seus versos, o jeito como percebe e dá sentido ao seu lugar. Interessa compreender como seus versos revelam as vivências cotidianas que fundam sua identidade sertaneja, sabedorias que nascem do encontro corpo-terra, portanto, que expressam a geograficidade de sua relação com a Terra.

Para fazer esta pesquisa recorri à leitura da obra “O homem e a Terra” do geógrafo francês Eric Dardel (2015). Também à leitura e escuta dos poemas de Patativa do Assaré presentes, respectivamente, no livro “Inspiração Nordestina” (2003) e no disco “O melhor de Jackson do Pandeiro – A Terra é Naturá” (1996)<sup>1</sup>, disponível na plataforma Spotify. Também realizei pesquisa de campo na Fundação Memorial Patativa do Assaré na cidade de Assaré - CE em 2020. Ainda me utilizei de outras fontes bibliográficas e de minhas memórias para construir o sentido do texto.

No primeiro momento do trabalho, aponto alguns pilares que sustentam o pensamento moderno e a produção de conhecimento que daí decorre e se

---

<sup>1</sup> PANDEIRO, Jackson do. O Melhor Do Jackson Do Pandeiro / A Terra É Natura - Compilação de Jackson do Pandeiro, Patativa do Assaré. São Paulo: SONY BMG MUSIC ENTERTAINMENT, 1996.

hegemoniza, para que se compreenda os fazeres geográficos pautados nas ciências ocidentais. Em seguida exponho a crítica Dardeliana ao conhecimento racional, refletindo sobre a experiência do corpo nos espaços e o conhecimento que se produz na intimidade com a Terra a partir da ideia de geograficidade.

No terceiro capítulo, apresento o poeta Patativa do Assaré e vou costurando alguns de seus poemas às ideias de Dardel presente no capítulo anterior: os versos do poeta demonstram que o ser humano é essencialmente geográfico e que o conhecimento da Terra se constrói na experiência. Além disso, Patativa critica os mecanismos modernos que submetem sua geograficidade à ideia de atraso, e defende o universo simbólico do roceiro sertanejo com o qual se identifica.

Finalizo o trabalho retomando a relação que Patativa tem com o seu lugar, num sentido de pertencimento, que se revela já no nome pelo qual se identifica. E que também se manifesta no canto, tanto no próprio ato de cantar, entendido aqui como intenção que vibra na paisagem, quanto nos temas das poesias. Afirmo, por fim, a importância de se construir um conhecimento que respeite os saberes dos viventes.

Trata-se de um ensaio inicial, primeira tentativa de aproximação com a obra de Patativa do Assaré, mediada por alguns aspectos do pensamento geográfico. Por isso, não há a intenção, neste trabalho, de esgotar tema tão rico e complexo. Ao contrário, busco apresentar ao leitor alguns caminhos possíveis de entrada na leitura e apreciação da obra de Assaré e na geografia que ela revela.

## **2. GEOGRAFIA, EXPERIÊNCIA DO CORPO**

De acordo com Eric Dardel (2015), “É difícil imaginar em nossa época uma outra relação do homem com a Terra para além do conhecimento objetivo proposto por uma geografia científica” (p. 91). Tal frase precisa ser lida e compreendida no contexto de constituição da Geografia Moderna. Para isso, há que se relembrar que a geografia, como campo científico, se insere no contexto das ciências a partir do século XIX carregando valores e verdades do ocidente europeu, que é donde nasce a ciência moderna. Para que possamos melhor problematizar a crítica construída por Dardel, faz-se necessário ressaltar brevemente alguns pilares que sustentam o pensamento moderno e o fazer geográfico que daí decorre.

As características da ciência moderna são formuladas entre os séculos XV e XVII com base no pressuposto de que todo real é racional podendo, assim, ser conhecido pelo homem. Surge daí o paradigma que forjou uma forma específica de conhecimento: a separação entre sujeito que conhece e objeto cognoscível (MENDES, 2009). Humano de um lado, natureza de outro.

A crença de que “a natureza funcionaria tal qual uma máquina causal cujos movimentos são apreensíveis pela razão” (MENDES, 2009), seria o caminho pelo qual o homem com sua racionalidade soberana dominaria a natureza. A apreensão da realidade parte do método empírico-racional: observação e descrição dos fenômenos, separação do todo em partes e aplicação de leis matemáticas.

Galileu Galilei (1564-1642) propunha “que os cientistas deveriam restringir-se aos estudos das propriedades que pudessem ser mensuradas nos objetos: forma, quantidade, movimento.” (FILHO; CHAVES, 2007). O que não puder ser quantificável é, então, irrelevante para a ciência. Assim, a apropriação dos fenômenos da natureza de forma racional e objetiva tornou-se o único jeito válido de conhecer. Eis o monopólio da ciência: “o pressuposto epistemológico da modernidade exclui do domínio do conhecimento pertinente outras formas de apreensão do real.” (MENDES, 2009)

A geografia sistematizada como ciência é um tipo de conhecimento da era moderna/colonial, fruto de interesses ocidentais europeus. De acordo com Dardel, o mundo ocidental em “sua vontade de poder, impaciente em se instalar nas dimensões do mundo exterior, se apodera do universo pela medição, o cálculo e a análise” (p. 1).

No entanto, “antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato” (p. 1)

Buscando produzir outro olhar sobre a geografia e as formas de conhecimentos que ela potencializa, Eric Dardel, considerado fundador de uma geografia fenomenológica, se debruça sobre a dimensão existencial da geografia. Esta corrente de pensamento veio incluir o elemento humano não como observador neutro, mas como ser implicado no fenômeno, ser que existe na Terra, a percebe, significa, interpreta. O humano como ser que é essencialmente geográfico.

Na obra “O homem e a Terra”, o autor argumenta que o espaço, do ponto de vista cartesiano e racionalista interessa ao geômetra: espaço homogêneo, uniforme, neutro, abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. (2015, p. 2) Entretanto a relação do homem com o espaço geográfico guarda algo de mais profundo do que sua apreensão matemática. A Terra é a morada dos humanos, base a partir do qual nossa consciência parte. Assim, a apreensão do real se dá na experiência vivida, no lançar do corpo ao mundo.

É interessante pensar que a cisão cartesiana entre corpo e mente, que levou o ocidental a separar sujeito e objeto e supervalorizar a razão, é uma negação dos sentidos e, assim, da experiência. “O corpo na tradição ocidental sempre foi considerado como uma espécie de apêndice da alma ou da mente [...] que “arrastamos” seja pelo seu peso, seja como carga de barro úmido a testemunhar o pecado original.” (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2020).

Entretanto, como coloca os professores Marcos Ferreira e Rogério de Almeida, acompanhando as reflexões de Merleau Ponty, “Nós somos um corpo, e é este corpo que sente, pensa, age e atua no mundo concreto que vivemos, carregando em si, numa memória corporal, a inscrição das memórias vividas e tudo o que elas significam.” (2020, p. 98)

Desse ponto de vista, é impossível uma dissociação entre sujeito e objeto porque o corpo, donde parte a percepção do entorno, existe, pisa a terra. A relação entre o ser humano e a Terra é marcada por interpretações baseadas em horizontes de mundo e tais relações não podem ser totalmente objetivadas pela ciência. As qualidades dos fenômenos geográficos se dão sempre na medida de quem o vive: “[...] a montanha ou o mar não são a montanha ou o mar de modo abstrato. Elas o são como tal para o homem. Além disso, elas revelam alguma coisa do homem” (DARDEL,

2015, p. 87). Assim, a geografia é uma experiência do corpo antes de ser objeto de conhecimento científico.

Da mesma forma, é ilusória a separação entre homem e natureza porque só se pensa a realidade humana em sua condição terrena. Em relação com todos os fenômenos, em organicidade com tudo da Terra. Qualquer tipo de ligação que se tenha, a Terra se manifesta no homem e o homem na Terra. Sendo, então, humano e Terra parte de uma mesma realidade, uma coisa só.

Se “a experiência geográfica [...] se realiza na intimidade com a Terra” (DARDEL, 2015, p. 93), como é possível que a única forma de conhecimento possível seja a produzida pelos métodos da ciência racionalista? Como se pode ignorar os saberes de quem vive o lugar?

Simone Ribeiro, professora e pesquisadora de geociências pela Universidade Regional do Cariri reflete sobre a necessidade de se construir um saber plural, que respeite a forma como os viventes percebem seus lugares porque os conhecimentos, as classificações e usos são frutos de saberes maturados ao longo de muito tempo e que nascem do trato diário com a terra, de percepções do cotidiano.<sup>2</sup>

Os povos vão se relacionar com o espaço a partir das feições geográficas que se apresentam. Vão nomear, se estabelecer, se movimentar, se apropriar, viver, conviver desde chaves de pensamento, olhares e perspectivas diversas. A essência da relação humano-Terra revela, de acordo com Dardel, uma geograficidade primordial, que é o jeito de ser e existir no mundo, da própria condição geográfica dos seres humanos.

Assim, a relação que se tem com a Terra é marcada por afetos, vivências, hábito. Essa construção de significados faz do espaço do geômetra, um *lugar*. Enquanto os espaços se rationalizam, nos lugares fazemos moradas. Não medimos, mas vivemos as distâncias. É onde pisamos e fazemos, com os passos, o significado do chão. Cada passo grafa uma geograficidade.

A obra de Patativa do Assaré, que será apresentada nas próximas linhas, nos revela quais os sentidos que a Terra tem para o poeta, a partir da sua vivência na agricultura, aconchegado na terra, conversando com os elementos da paisagem

---

<sup>2</sup> Pesquisa apresentada na Live da página GEOLANDS do YouTube com o tema: **Etnogeomorfologia Sertaneja: saberes populares na compreensão da paisagem**, em 10.07.20. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=ESNItJ96xNc&ab\\_channel=GEOLANDS](https://www.youtube.com/watch?v=ESNItJ96xNc&ab_channel=GEOLANDS)

através do versar. É dessa relação de hábito que emana seu mundo, de onde é construída a identificação com seu lugar.

### 3. PATATIVA DO ASSARÉ: corpo-terra poesia

Aprendi com Gil que de baixo do barro do chão sobe forte energia, sustentada por um sopro divino, que se transforma em ondas de baião, xaxado e xote.<sup>3</sup> Talvez seja um jeito de dizer que as nossas culturas populares brotam dessas terras e têm forte ligação com o chão. É das relações materiais e simbólicas com a totalidade do lugar que vibram os jeitos de viver, de ser, de interpretar e manifestar.

Neste pedaço de terra que se forjou Brasil, os processos de apagamento dos modos de viver dos diversos povos se dão na medida em que nos é empurrada uma cultura hegemônica, homogênea, “mais certa”, cada vez mais moderna, e que desde o início da colonização tenta traduzir, numa única nota, um território tão grande e plural, de realidades geográficas tão únicas, e de jeitos vários de se relacionar com as paisagens.

As nossas culturas populares guardam as geograficidades de cá. Não nos deixa esquecer a infância dessas terras e as experiências de lugar nesses territórios. Recordam e atualizam narrativas que passaram a ser inferiorizadas e deslegitimadas pela narrativa moderna, de heranças coloniais. Evocam o espaço vivido.

O baião de Luiz Gonzaga, por exemplo, conta do dia em que ele voltou pra Exu com um fole de 120 baixos e quis mangar do pai; conta dos invernos e verões do seu sertão; a tristonha tarde em que morre o vaqueiro Raimundo Jacó; da pisada dos cabras de Lampião pelos forrós. O lugar se anima em ritmo, voz, dança, reza, brincadeira, história.

E são tantos os guardiões das vidas que pulsam no ponto cego da ordem dominante. Luiz entoa a força das histórias do seu lugar recostado na face pernambucana da Chapada do Araripe. Na face cearense, Patativa do Assaré manifesta no canto e no verso sua semelhança com a terra, com o corpo e a alma do seu lugar:

Tanto te quero e dou parma, / Que às vês à lembrança vem / Que tu tem corpo e tem arma / Como toda gente tem. / Quando saio da paioça / Mode trabaíá na roça / Prantando mio e feijão, / Eu intê penso que peço / Em batê meu enxadeco / Em riba deste teu chão.  
(Assaré, p. 44)

---

<sup>3</sup> GIL, GILBERTO. De onde vem o baião. São Paulo: Warner Music: 2001

Agricultor, poeta e cantador, Patativa do Assaré (1909-2002) passava seus dias de trabalho na roça, mexendo na terra e versando as coisas vivas que lhe faziam companhia, as dores e gozos do seu viver, as histórias do camponês sertanejo. A primeira vez que escutei seus versos foi pelo meu avô Joaquim, pai do meu pai, que naquela tarde sentado na cadeira de balanço contava histórias que eu quase não conseguia entender de tão baixa a voz. Tomou força quando versou um poema que Patativa fez ao deixar a cadeia em 1943. Tinha sido levado por ironizar a constante ausência do prefeito de Assaré e depois de alguns minutos, quando saiu, encontrou uma patativa na gaiola. E versou:

Patativa descontente, / Nessa gaiola cativa, / Embora bem diferente / Eu também sou patativa / Linda avezinha pequena, / Temos o mesmo desgosto, / Sofremos a mesma pena / Embora em sentido oposto / Meu sofrer e teu penar / Clamam a divina lei / Tu, presa para cantar, / Eu, preso porque cantei.

Eu não sabia quem era esse homem, de onde era e o porquê de ter sido levado para a prisão, mas vi no brilho do riso de meu avô que ele contava da ousadia de um poeta que enfrentava a ordem dos poderosos. Depois, mais apropriada da vida e do lugar de Patativa, entendi também que a terra lhe era tão preciosa que fazia dos versos, arma de luta contra os latifundiários donos de muitas terras, contra os coronéis que submetem o roceiro à situação de agregado.

O lugar de Patativa é o sítio Serra de Santana, “sertão que se projeta para o alto, seco e fértil”<sup>4</sup>. Um pequeno núcleo rural distante três léguas do município de Assaré, na região do Cariri cearense: território banhado pelas águas que nascem da Chapada do Araripe, “óasis em meio a secura sertaneja”<sup>5</sup>. Foi onde o poeta nasceu em 5 de março de 1909 e viveu até os 93 anos.

Começou a trabalhar na agricultura aos oito anos de idade, na pequena propriedade deixada pelo pai e, até a velhice, plantou roça todos os anos, exceto no ano em que esteve no Pará (ASSARÉ, 2003). Apaixonou-se pela poesia ainda pequeno: “onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los” (p. 11). Aos

---

<sup>4</sup> Escritos na parede de entrada do Memorial Patativa do Assaré, Assaré, CE.

<sup>5</sup> Idem.

treze anos, começou a fazer versos que serviam de graça aos serranos e aos dezesseis começou a cantar de improviso na viola.

Seus versos se tornaram livro pela primeira vez a convite de José Arraes de Alencar<sup>6</sup> que se encantou com as recitações transmitidas pela Rádio Araripe. Depois foram publicados mais de livros de poesia. Nas obras textuais está presente características da oralidade, pois teve a voz como elemento desencadeador: “A obra de Patativa foi escrita, mas continuou pertencendo à tradição oral. A autoridade da voz permaneceu na poesia impressa, onde se deu a coexistência dos dois universos: o oral e o escrito” (PINHEIRO, 2006).

Ao longo da vida e também depois dela, o poeta recebeu títulos honoríficos, dentre os quais Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Universidade Regional do Cariri (URCA) e Cidadão Cearense, além de medalhas e prêmios de reconhecimento como o maior poeta popular do Nordeste.<sup>7</sup>

Patativa foi amigo da terra e do povo da terra. Defendia que todos tivessem um pedaço de chão para trabalhar e morar sossegado. Parecia-lhe injusto que alguns poucos tivessem tanto e outros tantos precisassem deixar o torrão natal para tentar vida melhor nos estranhos centros urbanos. Não podia conceber a propriedade sobre as coisas da natureza. Qual o sentido de ter tanta terra se não trabalha, não cuida, não goza das bonitezas que esse planeta nos dá?

Se a terra foi deus quem fez, / Se é obra da criação, / Devia cada freguês / Ter seu pedaço de chão. / Muita gente não combina / Essa verdade divina, / Mas um julgamento eu faço / E vejo que julgo bem: / Se eu sou da terra também / Onde é que tá meu pedaço? / Essa terra é desmedida / E devia ser comum, / Devia ser repartida / Um taco pra cada um / Mode morar sossegado. / Eu já tenho imaginado / Que abaixo o sertão e a serra / Devia ser coisa nossa! / Quem não trabalha na roça / Que diabo é que quer com terra?  
(*A Terra é Naturá*, p. 327)

Para ele o sentido de terra era diferente do que para os grandes proprietários. A terra não é coisa de se possuir, mas presente da natureza que pertence a todos os seres. É como o sol que nasce todos os dias e, com sua luz amiga, protege do grandalhão elefante à pequenina formiga; como a chuva que tudo molha ou a lua que

---

<sup>6</sup> Professor e Jornalista que financia a primeira publicação de Patativa do Assaré.

<sup>7</sup> Reportagem disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/patativa-do-assare-e-homenageado-1.264376>.

nos manda claridade. Tudo o que for preciso para viver bem a terra dá. E essa sabedoria é muito simples. Em “A terra é naturá”, aos coronéis canta:

Pois o vento, o Só, a Lua, / A chuva e a terra também, / Tudo é coisa minha e sua, / Seu dotô conhece bem. / Pra se sabê disso tudo / Ninguém precisa de estudo. / Eu sem escrevê, nem lê / Conheço desta verdade. (*A Terra é Naturá*, p. 327)

Em diversas poesias, Patativa apresenta a verdade que seu viver lhe dá ciência. A verdade do universo simbólico que brota do seu lugar, de sua relação simétrica com a natureza. Nos versos que abrem “Inspiração Nordestina”, ele avisa que o leitor encontrará “a luz da verdade gravada nas fôia.” (p. 13) Em “O poeta da roça” (p. 15) diz: “E assim, sem cobiça dos cofre luzente, / Eu vivo contente e feliz com a sorte, / Morando no campo, sem vê a cidade, / Cantando as verdade das coisa do Norte”

Essa verdade é construída a partir da experiência vivida, na lida diária, no pisar o chão. No ciclo de lavrar, plantar, colher, se reconhece na natureza. É na presença que o conhecimento toma o corpo. De acordo com Neuenfeldt e Mazzarino, “[...] o que se vive com o corpo, [...] gera um tipo conhecimento insubstituível e intransponível, relacionado a uma vivência própria e não pode ser reduzido a um conhecimento linguístico ou conceitual. [Apud Almeida, Fensterseifer e Bracht, 2014, p. 298].

Patativa se insere numa lógica onde o corpo é central também na transmissão do conhecimento: as memórias coletivas estão guardadas na voz e na performance dos cantadores, poetas e repentistas, e se espalham pelas feiras, festas, rituais e pelejas. Sabe dos mecanismos modernos e racionalistas que deslegitimam seu saber, suas memórias e seu fazer poético. Em “Cante Lá Que Eu Canto Cá” destaca a importância da experiência vivida para o conhecimento do lugar:

Poeta, cantô da rua, / Que na cidade nasceu, / Cante a cidade que é sua, / Que eu canto o sertão que é meu. / Se aí você teve estudo, / Aqui Deus me ensinou tudo, / Sem de livro precisá. / Por favô, não mexa aqui, / Que eu também não mexo aí / Cante lá, que eu canto cá. / Você teve indução, / Aprendeu munta ciêncâ, / Mas das coisas do sertão / Não tem boa esperiença / Nunca fez um paioça, / Nunca trabaiou na roça, / Não pode conhecê bem, / Pois nesta penosa vida, / Só quem provou da comida / Sabe o gosto que ela tem. (*Cante Lá Que Eu Canto Cá*, p. 275 )

O texto de Tettamanzy e Lopes (2016) sobre a produção literária indígena contemporânea, explica que tais mecanismos abrangem ainda

a exigência de confirmação de status social e intelectual dos autores. Formação acadêmica, domínio da tradição literária clássica (ou ocidental) e uso esteticamente elaborado da língua são requisitos aliados a reconhecimento público pelos pares e pelos meios e atores socialmente validados (academias, universidades, mercado editorial). (p. 328)

Patativa, ao se reconhecer “poeta da mão grossa”, valoriza seus versos matutos e rasteiros, próprios de linguagem oral, se diferenciando do letrado urbano:

Boa noite, home e menino / E muié deste lugá! / Quero que me dê licença / Pra uma histora contá. / Como matuto atrasado / Eu dêxo as língua de lado / Pra quem as língua aprendeu, / E quero a licença agora / Mode eu contá minha histora / Com a lingual que Deus me deu.  
(*A escrava do dinheiro*, p. 330)

O canto de Patativa é uma defesa das verdades que brotam de seu torrão. Resistência ao poder simbólico hegemônico que submete sua geograficidade à ideia de atraso, à ideia de que existe um jeito mais certo de existir na Terra. Submete inclusive a própria ideia presente nesse conceito geograficidade, ignoram que do chão partem mundos, negando o lugar, fazendo da terra objeto de exploração.

As poesias de Patativa revelam uma geografia sertaneja, as mudanças na paisagem entre os invernos e verões, a vegetação, a ocupação, o trabalho. Mas também sua geografia interior inspirada pela ligação visceral com seu lugar: “Patativa enfatiza a ideia de que a paisagem geográfica é uma interação entre o espaço observado e o estado interior do observador.” (SEEMANN, 2007).

A geograficidade presente em sua obra está na própria noção, por vezes implícita, da condição terrestre humana. Defender o pedacinho de chão é afirmar a relação profunda que o homem tem com a Terra, de onde se firma a consciência. Do pisar a terra, do corpo presente, do canto é que se revela o vínculo corpo e terra.

#### 4. PALAVRAS FINAIS

A relação que Patativa do Assaré guarda com o lugar que habita se faz evidente já no nome pelo qual se identifica. Não é de outro lugar, é de Assaré! É todo feito do barro avermelhado que sustentou seus pés durante a vida. Esse barro é de onde sobem os versos que esbarram no sopé da Chapada e que vibram junto das coisas da natureza.

Seus versos têm me falado de um lugar que existe em muitos lugares de mim em instância sutil, de memórias reais e inventadas. Sou da primeira geração de paulistanos de família que migrou do sul do Ceará, de lugares muito próximos à Assaré de Patativa. E embora o lugar tenha sido deixado, eles trouxeram um tanto das terras do norte para o sul em seus modos de ser, de se expressar, se relacionar, enfim, de existir. Por isso, é dessa geograficidade que, de alguma forma, também sou feita.

As poesias de Patativa evocam as histórias que moram no miudinho do mapa, ao nível do torrão do solo. Diferente da representação oficial do planeta que não nos mostram mais que um espaço vazio e estático, no miudinho tem tudo quanto é forma de vida coexistindo, construindo relações e animando a realidade geográfica com cores pintadas na experiência.

Tais cores ou interpretações de mundo são tão diversas quanto são os povos que pisam a terra e produzem o espaço. A montanha tanto pode ser a proteção do vale, quanto o obstáculo à rodovia. O rio pode ser um ancestral ou o depósito do esgoto da cidade. A terra, alimento ou fonte de minérios. O homem moderno, pautado em valores que pretendem a dominação, enxergando a vida como mapa, talvez se identifique com a segunda interpretação. Dardel nos diz que

A superioridade a que se atribui o homem moderno sobre o mundo circundante aparenta ser um obstáculo intransponível para que se tenha uma harmonia sincera com a floresta, com o mar ou com a montanha. Ao multiplicar seus pontos de vista sobre a Terra, o homem não ganha mais do que um saber pretencioso. (DARDEL, 2015, p. 95)

Em Patativa, se observa um viver em harmonia, um diálogo com o lugar que emana do canto. Primeiro porque o próprio ato de cantar pressupõe uma conversa. A voz é uma vibração que o corpo produz, uma intenção que ecoa e afeta o todo da

paisagem. Também porque cantar e versar, tal qual os poetas e cantadores populares que se desenrolam em improviso, requer um estar inteiro, entregue e atento ao ambiente.

Diversos povos, há muito, sabem dos segredos do equilíbrio, do viver a plenitude do corpo na Terra em coexistência com toda a sorte de vida. Há muito se sabe dos rios, dos mares, das chuvas, do fogo, das plantas, dos animais, da terra, do mistério. No entanto, a lógica moderna de se relacionar com o que se chamou natureza, através do desvendar a verdade do real pela racionalidade, tenta se impor enquanto o único jeito verdadeiro, sobre as várias geograficidades.

O texto de Neuenfeldt e Mazzarino sobre o corpo enquanto lugar do conhecimento diz que “Gadamer (2008) sugere que se busque a experiência da verdade em outros campos, para além do científico, tal como nas ciências do espírito, as quais se relacionam a formas de conhecimento humano vinculadas à experiência vivida como forma de apreender.” (Apud GADAMER, 2016, P. 27).

Assim, no conhecimento geográfico, se faz necessário considerar os saberes das dinâmicas da terra que brotam da experiência dos viventes para que não corramos o risco de tratar os lugares de forma homogênea. A experiência que se dá no miudinho, lá onde a ciência objetiva não pode mensurar, tem cor, cheiro, som e textura, e dessa apreensão sinestésica é que a realidade é construída.

## 5. REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Inscrição Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.
- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2020). **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Galatea USP, 2a. ed., 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>
- FILHO, Manoel Moacir de Farias Chaves; CHAVES, Suzana Maria Lucas de Farias. **A ciência positivista: o mundo ordenado**. Iniciação Científica Cesumar, Maringá - PR, v. 2, n. 2, p. 69-75, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/28>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MENDES, André. Parte I - As bases do pensamento moderno: crítica aos pilares e pressupostos da modernidade. In: MENDES, André. **Direito penal do inimigo na crise do paradigma moderno**. 2009. Dissertação (Mestrado em direito) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2009.
- NEUENFELDT, D. J., & MAZZARINO, J. M. (2016). **O corpo como lugar onde a experiência da educação ambiental nos toca**; The body as a place touched by the environmental education experience. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 33(1), 22–36. <https://doi.org/10.14295/remea.v33i1.5309>
- PINHEIRO, Socorro. **Patativa do Assaré: entre o oral e o escrito**. Diadorim: Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, v. 1, p. 135-149, 2006. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2006.v1n0a3842>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3842>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- SEEMANN, J. (2007). **Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará)** - DOI 10.5216/ag.v1i1.2714. Ateliê Geográfico, 1(1), 50-73. <https://doi.org/10.5216/ag.v1i1.2714>
- TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; LOPES, Nádia da Luz. As ideias a partir do lugar, ou como as criações indígenas pacificam o antropoceno. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**: Autoria, Autonomia, Ativismo. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 325-349. ISBN 978-85-5696-765-7.